

Inflação, juros e dívidas reduzem consumo das famílias em Bauru

Expectativa é que moradores gastem R\$ 17,229 bilhões ao longo de 2023; trata-se da menor alta desde o início da pandemia

TISA MORAES

A inflação persistente, os juros altos e o enclivamento da população já desaceleraram o consumo das famílias bauruenses e deverão fazer com que 2023 seja um ano com menor ritmo de gastos privados em Bauru, que acompanha uma previsão já identificada em âmbito nacional. De acordo com a pesquisa IPC Maps 2023, o potencial de consumo dos bauruenses de janeiro a dezembro é de R\$ 17,229 bilhões, o que representa uma alta de 6,82% em relação a 2022, quando a projeção foi de R\$ 16,129 bilhões.

A variação média nacional é de 7,5%. O aumento é nominal, ou seja, não desconta a inflação esperada para o período, de 5,42%, até o momento. Caso a previsão seja confirmada, será o avanço mais modesto desde o começo da pandemia de Covid-19, em 2020, quando o consumo das famílias sofreu redução de 6,38%. Já 2020 alcançou alta de

10,47%, resultando em um potencial de gastos de R\$ 11,668 bilhões, que cresceu mais 38,2% em 2022. Responsável pelo estudo, Marcos Pazzini explica que, no ano passado, o mercado interno se recuperou dos impactos negativos trazidos pela pandemia, tendo como estímulo, inclusive, a injeção de recursos oriundos dos auxílios garantidos pelo governo federal à população de menor renda.

"Foi um ano eleitoral e benesses foram dadas de diversas formas. Agora, em 2023, temos um contexto macroeconômico não tão favorável e as famílias estão freando o ritmo de consumo", frisa. Ele explica que um dos motivos desta desaceleração é a inflação persistente, que escalou em 2021 e alcançou pico de 12,13% em abril de 2022, no acumulado de 12 meses.

Desde então, só houve registro mensal de deflação (queda no índice) em julho, agosto e setembro daquele ano. "Ou seja, os preços dos produtos, que sofreram forte alta, não vol-



taram aos níveis pré-pandemia, sendo que o reajuste salarial dos trabalhadores não acompanhou este aumento. Além disso, a tabela do Imposto de Renda ficou muito tempo sem ser corrigida. Tudo isso compromete o poder de compra do brasileiro", descreve.

RESTRIÇÃO
Some-se a este cenário a manutenção da taxa básica de juros, a Selic, em pat-

1,2%
É a expectativa de crescimento, para este ano, do PIB, considerado para as projeções do estudo

mar elevado - atualmente, em 13,75% - o que dificulta o acesso a crédito, tanto em relação aos financiamentos bancários quanto nas compras a prazo no varejo. "As chamadas aquisições programadas, de bens de consumo mais caros, se tornaram mais restritas para parcela significativa da população", pontua.

Em meio a esta cadeia de fatores desfavoráveis, existe um outro freio para o consumo das famílias: o endividamento, considerando que muitas contrataram empréstimos ou utilizaram suas reservas financeiras para enfrentar os períodos

mais críticos da crise provocada pela Covid-19. "Para este ano, temos uma expectativa de crescimento do PIB de apenas 1,2% e o índice é considerado para fazer as projeções da pesquisa. Porém, o Brasil tem potencial para crescer muito mais, contudo, para tanto, o governo precisa adotar uma série de ações, como reverter o sistema tributário, que desestimula investimentos no Brasil. Mas, como estas transformações não vão ocorrer no curto prazo, o consumo não deve ter uma melhora significativa ainda em 2023", completa.



Marcos Pazzini, responsável pelo IPC Maps, afirma que mudanças não devem ocorrer no curto prazo, consumo não deve melhorar neste ano

Habituação engloba maiores gastos

O IPC Maps é elaborado pela empresa especializada em informações de mercado IPC Marketing, que atua com pesquisas há quase 30 anos e traça, anualmente, o mapa da capacidade de consumo dos municípios brasileiros, com base no cruzamento de dados oficiais. No levantamento, que considera dados como Produto Interno Bruto (PIB), população e renda das famílias, são analisadas as principais

categorias de itens, incluindo alimentos, artigos de limpeza, mobiliários e vestidário, além de despesas com transporte, saúde, educação, recreação e habitação. Em Bauru, este último tópicos, que incorpora gastos com aluguel, luz, água, gás, telefone, Internet, TV a cabo e pequenos reparos domésticos, deve ser o que mais irá comprometer a renda das famílias em 2023. A expectativa é de

que o montante chegue a R\$ 4,655 bilhões. Na sequência, aparecem gastos com veículo próprio, que incluem custos com aquisição, manutenção e combustível (R\$ 1,943 bilhão), resultado do aumento de pessoas que compraram carros para transportar passageiros por aplicativo ou motos para trabalhar com delivery. Já em terceiro lugar, figura a alimentação no domicílio (R\$ 1,371 bilhão).

Queda no número de empresas

Segundo o IPC Maps, Bauru figura, em 2023, como a 16.ª cidade com maior poder de consumo no Estado e a 54.ª no Brasil. O resultado é ligeiramente pior que o alcançado no ano passado - 14.ª e 52.ª posição, respectivamente, quando pretendia espaço para Mairi e Mogi das Cruzes -, mas exatamente igual ao registrado antes da pandemia, em 2019. O levantamento revela, contudo, que a cidade ainda não conseguiu recuperar o volume de empresas que aglutinava pouco antes do início da crise sanitária. Em 2019, eram 64.354 CNPJs, sendo 32.902 ligados a serviços, 20.218 a comércio, 9.953 à indústria e 1.281 ao agronegócio. Agora, o município soma 59.345 negócios, 5 mil a menos que quatro anos atrás. São 34.966 do segmento de prestação de serviços, 13.269 do comércio, 9.654 da indústria e 1.456 do agronegócio. "Em 2020, o total havia caído para 55,8 mil empresas. Ou seja, ainda que lentamente, estamos vendo a retomada da abertura de empreendimentos, o que representa aumento de empregos, salários e consumo na cidade", completa Marcos Pazzini.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Economia Pagina: 7